

## UM OLHAR NAS CONCEPÇÕES DE ADOLESCÊNCIA

Leudiane Holanda Lavor<sup>1</sup>, Sandra Maijane Soares de Belchior<sup>2</sup>, Maria José Soares de Belchior Pires<sup>3</sup>, Francisco Ivo Gomes de Lavor<sup>4</sup>, Verônica Cristian Soares de Belchior<sup>5</sup>, Matheus Lôbo Cavalcante<sup>6</sup> & Izabela Letícia Wanderley de Andrade e Silva<sup>7</sup>

**RESUMO:** Com a finalidade de refletir sobre a importância das atividades socioeducativas na construção de uma Educação para a Cidadania no Programa do Governo Federal para Adolescentes de 15 a 18 anos de idade em situação de vulnerabilidade social, PROJovem Adolescente, realizamos as pesquisas nas bibliografias do Ministério de Desenvolvimento Social do Governo Federal Brasileiro, tendo como base a Pedagogia Libertadora de Paulo Freire e outros estudiosos da Pedagogia Social, a vivência como Coordenadora do Programa no município de Iguatu nos anos de 2008 a 2010 também possibilitou-me um conhecimento ampliado contribuindo para reflexão a respeito do tema estudado. Como ramo da Pedagogia, a Educação Social, estudamos a contribuição das atividades socioeducativas do Programa PROJovem Adolescente em sua proposta pedagógica conduz seus participantes a serem cidadãos críticos e transformadores da sua realidade. Focamos o olhar sobre as concepções de Adolescência para o entendimento do público – alvo do Programa, pois assim compreenderemos a metodologia adotada e suas contribuições. Realizamos um estudo sobre a história das Políticas Públicas Sociais para Crianças e Adolescentes no Brasil a fim de entendermos o PROJovem em seu contexto de políticas públicas para adolescentes. Observamos a partir da emergência sobre a questão da criança no Brasil – do período Colonial até a década de 70, a luta dos movimentos sociais na década de 80 com suas conquistas registradas no Estatuto da Criança e do Adolescente Lei 8.069. Este estudo bibliográfico possibilitou o conhecimento e reflexão a respeito do Programa Projovem Adolescente como educação para a Cidadania dos adolescentes que estão em situação de vulnerabilidade social que ao longo da história eram colocados a margem da sociedade e na atualidade o governo busca, através de serviços, programas e projetos com caráter pedagógico contribuir para sua emancipação social, de forma participativa, democrática e protagonista, este processo é facilitado por um profissional da educação social.

**Palavras - chave:** Pedagogia Social, Socioeducativo, PROJovem Adolescente.

**ABSTRACT:** In order to reflect on the importance of social and educational activities in building a Citizenship Education Program of the Federal Government for Teens 15 to 18 years old in a situation of social vulnerability, PROJovem Teen, conducted research in the bibliographies of the Ministry of Social Development of the Brazilian Federal Government, based on the Liberation Pedagogy of Paulo Freire and other scholars of Social Pedagogy, the experience as Program Coordinator in the municipality of Iguatu in 2008 will 2010 also allowed me an expanded knowledge contributing to the reflection about the studied subject. As a branch of Education, Social Education, studied the contribution of social and educational activities PROJovem Adolescent Program in its pedagogical leads its participants to be critical citizens and transformers of their reality. We focus our gaze on the conceptions of Adolescence for public understanding - Target Program, as well as understand the methodology adopted and their contributions. We conducted a study on the history of Social Public Policy for Children and Adolescents in Brazil in order to understand the PROJovem in context of public policies for teenagers. We observe the emergence of left on the issue of children in Brazil - the Colonial period until the 70s, the struggle of social movements in the 80s with his achievements recorded in the Child and Adolescent Act 8069. This study enabled the bibliographic knowledge and reflection about the Teen Program Projovem as education for citizenship of adolescents who are socially vulnerable who throughout history were placed at the margins of society and today the government seeks, through services, projects and programs with pedagogical contribute to social emancipation, in a participatory, democratic and protagonist, this process is facilitated by a professional social education.

**Keywords - Keywords:** Social Pedagogy, Socio, PROJovem Teen.

### 1 INTRODUÇÃO

Para refletirmos sobre a proposta do Programa Projovem Adolescente se faz necessário relacionar-se com o entendimento de quem é esse ser humano que está na fase da adolescência. Vejamos que existem diferentes concepções de crianças e de adolescentes que se fazem distintas a partir de diferentes pontos de vista teóricos e que acabam por contribuir para formar múltiplos conceitos

desses grupos referidos. Assim, é necessário que pensemos melhor sobre quais são e como se construíram as diferentes concepções de infância e de adolescência na nossa sociedade, pois é a partir deste olhar sobre o adolescente que podemos estudar a efetividade do Programa Projovem para o seu público adolescente na construção de sua cidadania e garantia de inclusão social.

### 2 Adolescência

Recebido em: 03/03/2020 e publicado em: 08/04/2020.

<sup>1</sup>Graduada em pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará- UECE e pós graduação em Gestão Social pela FAMETRO - Faculdade Metropolitana da Grande Fortaleza.E-mail: leudiane\_lavor@hotmail.com.

O termo adolescência é uma terminologia que passou a ser utilizada no fim do século XVIII, é um termo latino, do verbo adolescere, que significa desenvolver, crescer. Portanto, é um processo de transformações físicas, psíquicas, emocionais, sociais e espirituais. Podemos dividir esse período de desenvolvimento em 4 fases: · Pré-adolescência - dos 10 aos 12 anos; Adolescência inicial - dos 13 aos 15 anos ; · Adolescência média - dos 16 aos 18 anos ; · Última adolescência - dos 18 aos 21 anos.

“Nossos adolescentes amam, estudam, brigam, trabalham. Batalham com seus corpos, que se esticam e se transformam. Lidam com as dificuldades de crescer no quadro complicado da família moderna. Como se diz hoje, eles se procuram e eventualmente se acham. Mas, além disso, eles precisam lutar com a adolescência, que é uma criatura um pouco monstruosa, sustentada pela imaginação de todos, adolescentes e pais. Um mito, inventado no começo do século 20, que vingou sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial.” Calligaris(2000, p. 9)

Portanto a adolescência é uma transformação profunda que impõe ao jovem grandes exigências de adaptação, relacionadas com as novas funções biológicas, novas formas de relação interpessoal e novas responsabilidades familiares e sociais. Diante desse entendimento, julgamos necessário mensurar que os adolescentes em situação de vulnerabilidade social e que vivenciam uma realidade de exclusão social, fato que vem ocorrendo no Brasil ao longo da nossa história, não é apenas decorrente da situação econômica, mas também educacional, questões culturais, a falta de relações positivas no seio familiar e na sociedade em geral (comunidade, grupos, espaços). Para Calligaris (2000), portanto, a adolescência torna-se mítica quando compreendida como um dado natural, prescrevendo normas de funcionamento e regras de expressão. Desse modo, percebemos que, a adolescência é hoje compreendida como categoria construída historicamente, tendo, portanto, múltiplas emergências. Essa ideia corrobora com os paradigmas da pós-modernidade, marcos da nossa contemporaneidade.

## 2.1 Adolescência em Evidência

Para Dahlberg; Moss; Pence (2003), as novas concepções de infância e adolescência apontam para a aceitação de uma multiplicidade e um devir que não se fecha em si mesmo. Segundo os autores, o projeto defendido e sustentado pela Modernidade compreende o ser humano totalmente realizado, maduro, independente, autônomo, livre e racional.

A busca da razão constitui um caminho na procura da própria essência do humano. Assim, progresso e tecnologia caminham de mãos dadas em direção à felicidade. Porém, com a crise da razão moderna, atestam

os autores, construiu-se um ceticismo crescente sobre a modernidade e sobre suas pretensões, desenvolveu-se uma crescente desilusão com sua incapacidade para compreender e acomodar a diversidade, a complexidade e a contingência humanas e sua reação de tentar ordená-las a partir do que existe. O projeto da modernidade de controle através do conhecimento, a “avidez por certezas”, implodiu (p. 36).

Observamos a grande diferença entre a juventude da década de 50 e a contemporânea.

Diógenes (1998) ressalta que os movimentos juvenis despertaram visões diferenciadas na sociedade, tais como desordeiros ou renovadores, enfatizando as diferentes representações sociais atribuídas a esses movimentos. Assim é que a busca da diferença, o desejo de impactar, de provocar contrastes, marcas definidoras da existência social [...] punk, dark, funk, torcidas organizadas, os carecas do subúrbio, os skin heads, o hip hop organizado, dentre outros, parecem mobilizar, de forma visível, a atenção e a tensão juvenil dos anos 90 (p. 103).

Com a sociedade neoliberal, sob a ênfase do mercado e do consumo, envolvida nas questões tecnológicas e nas mudanças do padrão social e culturas das massas, a juventude vem sendo colocada em situação de grande vulnerabilidade social.

Nascimento (2002) considera que os jovens parecem se encontrar encurralados dentro de condições sociais que aumentam em muito sua vulnerabilidade.

“As representações sociais que se formam a partir das inúmeras informações, mediadas, sobretudo pela mídia, não fornecem condições para que o adolescente planeje e articule ações como uma forma de superação da condição ou situação vivida, uma vez que estas informações se destinam muito mais à construção de modelos estereotipados de comportamentos para atender as demandas de consumo .” NASCIMENTO(2002), (p. 71).

Lindenberg (1993), assinala as contradições e incertezas da juventude de baixa renda, considerando serem essas características identificadas nos adolescentes pesquisados.

“Esta desigualdade não é somente a biológica, é um fruto da economia mal distribuída, das diferenças de classe que consequentemente levam a modos de vidas distintos com aptidões intelectuais diversificadas e desenvolvidas através do processo histórico, contribuindo para a

centralização dos bens materiais nas mãos de uma minoria de classe dominante, que tem o controle intelectual de um país, ou seja, pão e circo para o povo” (LEONTIEV, 2004, p. 277).

Calligaris (2000) também tem refletido sobre a influência da pósmodernidade e do neoliberalismo sobre a emergência da adolescência. Para ele, a juventude tem sido investida de um imenso valor de consumo, sendo eleita como ideal de vida. Assim, a indústria de consumo, não só absorve como investe em valores e estilos adolescentes, elastecendo mais e mais esta fase e tornando cada vez mais difícil se afastar do desejo adulto da adolescência. Como diria o autor, “a adolescência, por ser um ideal dos adultos, se torna um fantástico argumento promocional” (p. 59). Como a adolescência assume o ideal social, fica difícil sair deste lugar. Fica difícil e custoso envelhecer, quando a aspiração social é habitar a adolescência.

“É necessário superar as visões naturalizantes presentes e entender a adolescência como um processo de construção sob condições histórico-culturais específicas”. (OZELLA 2003, p. 20)

Isso significa pensar que a adolescência deve ser vista e compreendida como uma categoria construída socialmente, a partir das necessidades sociais e econômicas dos grupos sociais, que lhe constituem como pessoas, enquanto são constituídas por elas. Assim, é mais possível falar de adolescentes que tenham um nome, pertençam a um grupo cultural e tenham uma vida vivida concretamente, do que de uma adolescência de uma forma mais abrangente.

### 3 Conclusão a Respeito das Teorias da Adolescência

Adolescência, portanto, deve ser pensada para além da idade cronológica, da puberdade e transformações físicas que ela acarreta, dos ritos de passagem, ou de elementos determinados aprioristicamente ou de modo natural. A adolescência deve ser pensada como uma categoria que se constrói, se exercita e se re-constrói dentro de uma história e tempo específicos. É no sentido de refletir sobre a adolescência construída historicamente que Aguiar; Bock; Ozella (2002) apontam elementos fundamentais para a compreensão da adolescência numa perspectiva sócio histórica. Para eles é necessário não perder de vista o vínculo entre o desenvolvimento do homem e a sociedade. Além disso, existe uma emergência de se “despatologizar” a noção do desenvolvimento humano, em especial a adolescência, reconstruindo a compreensão desta e sua expressão social. Por fim, sugerem um avanço urgente para além de uma suposta realidade “natural” da adolescência. Desse modo, as peculiaridades e especificidades históricas, culturais e sociais precisam ser levadas em conta nos estudos, pesquisas e atribuições de sentidos feitos às vivências dos adolescentes.

“O conhecimento não é único, e sim múltiplo, variável, fragmentado e mutável, inscrito nas relações de poder, que lhes determinam o que é considerado como verdade ou falsidade. A verdade é compreendida somente como uma correspondência da verdade, uma representação da verdade, e como tal deve ser tomada.” (FROTA, Ana Maria Monte Coelho, Professora Adjunta do Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal do Ceará – UFC)

Sob uma perspectiva pós-moderna, não existe conhecimento absoluto, realidade cristalizada, esperando para ser conhecida e domada; um entendimento universal, que se faça fora da história ou da sociedade. No lugar disso, o projeto pós-modernista propõe que o mundo e o conhecimento dele sejam vistos como socialmente construídos. Isso significa pensar que todos nós estamos engajados na construção de significados, em vez de engajados na descoberta de verdades. Assim, não existe somente uma realidade, mas várias.

Gostaria de pensar um elemento que, de modo peculiar a experiência de ser adolescente: a busca de ser por si mesmo.

“Os grupos etários formam-se no estágio de transição entre a dependência infantil e a maturidade do adulto, sendo que o sentido de conquista e reconhecimento de si parece ser o motor básico desses grupos.”  
Eisenstadt (1976).

Talvez seja este o sinal para se pensar em algo próprio da adolescência: a conquista e o reconhecimento de si. Esta é uma construção iniciada com o nascimento, e que se encaminha para a completude do homem, finalizada somente com a morte, que, com o nascimento, delimita os dois extremos da vida.

Seria mais ou menos como diz na poesia:

“Para todos nós, em algum momento, nossa existência se revela como alguma coisa de particular, intransferível e preciosa. A descoberta de nós mesmos se manifesta como um saber que estamos sós; entre o mundo e nós surge uma impalpável, transparente muralha: a da nossa consciência. É verdade que, mal nascemos, sentimo-nos sós; mas as crianças e os adultos podem transcender a sua solidão e esquecer-se de si mesmos por meio da brincadeira ou do trabalho. Em compensação, o adolescente vacilante entre a infância e a juventude, fica suspenso um instante diante da infinita riqueza do mundo. O adolescente se assombra com ser. E ao pasmo segue-se a

reflexão: inclinado para o rio de sua consciência pergunta-se se este rosto que aflora lentamente das profundezas, deformado pela água, é o seu. A singularidade de ser, mera sensação na criança – transforma-se em problema e pergunta, em consciência inquisidora.” PAZ (1992) (P. 35).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A adolescência, com sua diversidade, anseios, posturas, preocupações, tendências e comportamentos por vezes contraditórias move-se em busca da realização pessoal que muitas vezes se depara com as desigualdades sociais e barreiras impostas pelo sistema vigente na sociedade e geram revoltas e insubmissão, características da juventude. Portanto faz-se necessário formar cidadãos e cidadãs que vivam e construam uma sociedade melhor transformando esse sentimento de revolta em força revolucionária tornando esse jovem protagonista de sua própria história e de sua comunidade.

#### **5 REFERÊNCIAS**

CALLIGARIS, C. A adolescência. São Paulo: Publifolha, 2000.

DAHLBERG, G.; MOSS, P; PENCE, A. Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas. Porto Alegre: Artmed, 2003.

LINDEMBERG, B. Jovens de baixa renda na cidade de São Paulo: um estudo antropológico para a construção da identidade. 1993. 285 p. Dissertação (Mestrado Antropologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo.

EISENSTADT, S. N. De geração em geração. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FROTA, A. M. O desalojamento e a reinstalação do si-mesmo – um percurso fenomenológico para uma compreensão winnicottiana da adolescência, a partir de narrativas. 2001. 125 f. Tese (Doutorado Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

LEONTIEV, A. Desenvolvimento do psiquismo. São Paulo: Centauro, 2004.

OZELLA, S. (Org). Adolescências construídas – a visão da psicologia sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2003.